

ISSN: 1983-8379

## O olhar presente de Homero: a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Aristóteles à contemporaneidade

Mariana De-Lazzari Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende uma discussão acerca do princípio do cânone, de sua capacidade de re-atualização e de seu diálogo possível com a contemporaneidade. A *Ilíada* e a *Odisséia* permitem compreender o humanismo na literatura, isto é, o compromisso de o escritor pensar sua escrita em identidade com a sua cultura. Seriam experiências literárias de humanização, sugerindo a autonomia do senso crítico que, por sua vez, contribuirá para a transformação da realidade como forma de superar as desigualdades sociais.

Palavras-chave: *Ilíada*; *Odisséia*; Cânone; Re-atualização; Autonomia.

**ABSTRACT:** This work aims at a discussion about the canon, its ability to re-update and its possible dialogue with the contemporaneity. The *Iliad* and the *Odyssey* enable the understanding of humanism in literature, that is, the commitment of the writer to think his writing in identity with his culture. It would be literary experiments of humanization suggesting the autonomy of critical sense, which would contribute to the transformation of reality as a way to overcome social inequalities.

Keywords: *Iliad*; *Odyssey*; Canon; Re-update; Autonomy.

### Introdução

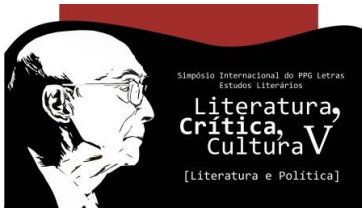
“Mas entre uma aspiração social e um conceito estético vai diferença; o que se precisa é uma definição estética”.

Machado de Assis

O excerto acima pode ser ponto de partida para uma discussão acerca do princípio do cânone, qual seja, o texto em que não há defeitos, que está pronto e acabado, sem necessidade de qualquer modificação, mas que, por outro lado, não exclui o colóquio com o contemporâneo. Pelo contrário, seria acertado dizer da capacidade de re-atualização do

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Linha de pesquisa: Literatura, Cultura e Sociedade.



ISSN: 1983-8379

cânone e, por conseguinte, de seu diálogo possível com a contemporaneidade, provavelmente em virtude de sua atemporalidade e de sua existência coletiva enquanto objeto de crítica.

A *Ilíada* e a *Odisséia*, cânones da literatura ocidental, permitem compreender o que Said (1990) propõe como humanismo na literatura, isto é, o compromisso do escritor de pensar sua escrita em identidade com a sua cultura. Seriam, para além, experiências literárias de humanização.

Por experiências literárias de humanização, Eco (2003), Cândido (1995) e Calvino (1993) entendem a relação entre literatura e sociedade, sendo o acesso à literatura um direito social, já que esta é instrumento de ensino e, como tal, corrobora para uma construção de autonomia do senso crítico que, por sua vez, contribuirá para a transformação da realidade como forma de superar as desigualdades sociais.

## 2. O olhar presente de Homero

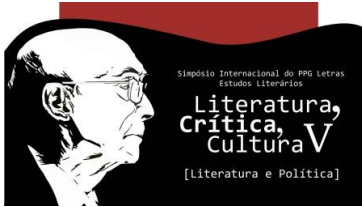
Estética e machadianamente falando, as epopéias de Homero, embora passíveis de subjetividades, são representações estéticas, tanto no que tange à linguagem quanto no que se refere à *mimesis* de Aristóteles (1997).

A linguagem é uma forma de entender o mundo. A fabulação transmite valores e a literatura faz isso de modo especial, diferenciando o discurso real do discurso estético. Para Eco (2003), a literatura mantém a língua como patrimônio coletivo e a língua é sensível às sugestões da literatura. De acordo com Aristóteles (1997), é a partir de conceitos concretos, dentre eles a epopéia<sup>2</sup>, que se chega ao abstrato, que é o conceito de literatura como *mimesis*, como abstração.

Fica fácil perceber, desse modo, que as raízes da fabulação (ou narração) - enquanto aquilo que prefigura valores da experiência de vivência coletiva, como coloca Eco (2003) - estão na arte catártica de Aristóteles, segundo a qual por narração se entende a composição dos mitos, a partir dos quais se constrói a memória coletiva. O mito atribui àqueles que o contam um caráter distintivo que os retira do universo dos homens “comuns”. Mito é

---

<sup>2</sup> Também se incluem, aqui, a comédia e a tragédia.



ISSN: 1983-8379

contação. Mito é a palavra que “fala”. Mito é universal, transcultural e transtemporal. Sobre a universalidade, transtemporalidade e transculturalidade do mito, Lévi-Strauss (2008) coloca:

Estas transformações, que se operam de uma variante à outra de um mesmo mito, de um mito a outro mito, de uma sociedade a uma outra sociedade com referência aos mesmos mitos, ou a mitos diferentes, afetam ora a armadura, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir como tal; elas respeitam assim uma espécie de princípio de conservação da matéria mítica, em função da qual qualquer mito sempre poderá sair de um outro mito (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 261).

Assim, cabe perguntar: existe algo mais atual que a tragédia precipitada pela ira de Aquiles que leva seu rancor contra Agamêmnon e os demais gregos depois de perder sua Briseida? Diz o canto de abertura da *Iliada*:

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles  
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,  
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,  
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:  
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem  
O de homens chefe e o Mirmidon divino (LIVRO I, p. 65).

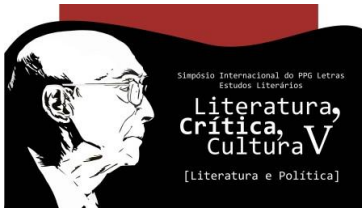
Existe algo mais moderno que o retorno punitivo de Ulisses, autor do estratagema do cavalo de madeira, para quem a punição dos deuses foi a mais rigorosa, em virtude de cantar feitos heróicos sobre a Tróia espezinhada, sem agradecer aos imortais que tanto os haviam ajudado na empreitada?

Existe algo mais presente que a cura por meio da fala, redenção de Aquiles no momento em que devolve a Príamo o cadáver de Heitor, ao se lembrar do seu próprio pai, o qual, como Príamo, sobreviverá ao seu filho mais amado?

Existe algo mais hodierno que ser castigado e salvo por deuses arquétipos, projeções do próprio ser humano?

Existe algo mais contemporâneo que a cena da cicatriz de Ulisses, episódio caseiro do lava-pés?

A velha, que tomara na palma da mão a perna de Ulisses, ao apalpá-la, reconheceu a cicatriz; largou o pé, que caiu dentro da bacia, o bronze ecoou, o vaso oscilou e a água derramou-se pelo solo. Então, seu coração, a um tempo, foi tomado de tristeza



ISSN: 1983-8379

e de alegria, os olhos se lhe encheram de lágrimas, a voz se lhe tolheu na garganta. E tocando no queixo de Ulisses, disse: sem dúvida, tu és Ulisses, meu filho querido! E eu não te reconhecia! Foi preciso primeiro ter tocado no corpo do meu amo! (HOMERO, 1978, Canto XIX, versos 467-475).

Literatura é instrumento de ensino. O ato de ler, de receber um texto, propõe uma recíproca: o sujeito leitor lê o texto e é lido por ele. Este sujeito compreende o texto e é compreendido por ele.

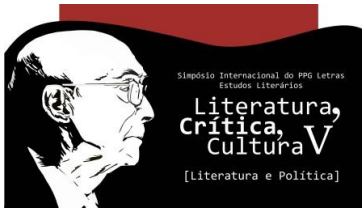
A escolha pelo literário se dá, então, em virtude das possibilidades de sentidos que este abre para o leitor, como coloca Amorim (2003):

É o texto literário com seus vazios, suas brechas, seus silêncios e sua escancarada incompletude que obriga o leitor a operar-lhe sentidos, preenchê-lo. É que o texto literário, diferentemente dos outros tipos de texto, não sabe coisas, mas sabe das coisas (AMORIM, 2003, p. 6).

O horizonte de expectativas do sujeito determina a recepção do que este lê. Aquilo que se apresenta ao sujeito leitor dialoga com as experiências deste sujeito, suscitando expectativas, despertando lembranças, conduzindo a uma determinada postura emocional e, por tudo isso, antecipando um horizonte geral de compreensão (ZILBERMAN, 1989).

Em virtude disso é que Cândido (1995) defende a literatura enquanto direito de todos, enfatizando a importância do acesso ao que se chama, hoje, de erudito (ou canônico). Homero foi um grande educador que, por meio de suas epopeias, envolveu aspectos éticos, políticos, pedagógicos, culturais, estéticos, resgatou e transmitiu valores, tradições, costumes, rituais, educação, administração política, condutas e tudo o mais no que concerne à noção de *polis* para a qual a civilização grega caminhava. “Através da fabricação e da recriação poéticas, Homero empreende a fusão de dois fundos de cultura, o micênico e o arcaico, que estarão na base da civilização helênica” (SOUZA, 2007, p. 196).

Assim, cabe ressaltar o valor que a *Iliada* e a *Odisséia* encerram pelo fato de serem os mais remotos caminhos de apreensão das iniciais tradições que servem de fundamento a uma cultura que, ao se solidificar, forneceu, para todos os povos civilizados, o arquétipo de vida a ser adotada nos mais variantes campos, desde a política e a arte até à filosofia e à ciência, pois “as epopeias homéricas valorizam a ação (*práxis*) e o comportamento humano tanto no seu trato individual como coletivo” (SOUZA, 2007, p. 198).



ISSN: 1983-8379

A concepção homérica das personagens se embasa numa concepção de exemplo, seja sobre o que se deve ter como referência, seja sobre o que não se deve. Há um papel social a ser cumprido por estas personagens.

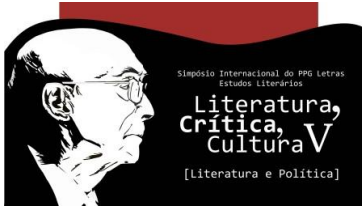
Por meio deles podemos ler, por exemplo, o elogio da honra, como o ideal mais alto a ser cumprido por quem aspira a ter uma alma nobre e guerreira. Ao narrar as ações gloriosas de seus heróis, Homero se utiliza do mito como o modelo para seus personagens e ouvintes regredem suas próprias ações (SOUZA, 2007, p. 198).

Dessa forma, tem-se o mito imbuído de uma veemência de predomínio normativo, abandonando o aspecto de legítimo ato de ficção, alegoria, transpondo-se em algo que tem a faculdade de manifestar a universalidade de atos rigorosamente selecionados para encerrarem um desempenho representativo na educação.

## Conclusão

Ao propor, em sua Poética, que a composição do mito deve ser distinta nos gêneros, Aristóteles (1997) prefigurou a importância da matriz mítica grega para a contemporaneidade: a partir de pequenas fábulas são construídos diferentes gêneros textuais.

Reside nisso o fato de que ler cânones como A Ilíada e A Odisséia vai muito além de entender a educação para a guerra ou o comando da razão que caminhou para a noção da *polis* grega. Lê-los é descortinar horizontes para apreender a diversidade de gêneros textuais que, muitas vezes, representam as incongruências (também chamadas por muitos de cavalos de batalha) do mundo moderno. Lê-los é, também, uma maneira de conhecer outras formas de escrita, de humanizar a literatura e de experienciar uma estética imprescindível para a emancipação. Lê-los é, sobretudo, larguear fronteiras ao agregá-los a outras leituras e, arriscando referenciar Iser (1979) - um dos maiores expoentes da Estética da Recepção, segundo a qual a experiência estética é fator importante para a emancipação do sujeito -, se formar como leitor por meio da união com os textos, num experimento aristotelicamente catártico.



ISSN: 1983-8379

Se *mimesis* é a representação das ações humanas e se existe um critério que provoca o deslocamento do patamar usual de leitura em busca da boa leitura, então não há o que questionar sobre o olhar sempre presente de Homero. É um belo (por que não?) presente de grego.

### Referências Bibliográficas

- AMORIM, William. Leitura e Psicanálise: intersecções. Simpósio de Intersecção Psicanalítica do Brasil. Anais... Rio de Janeiro, 2003. pp. 4-12.
- ARISTÓTELES. Poética. In.: ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. A poética clássica. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. pp. 19-52.
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. pp. 1-11.
- ECO, Umberto. Ensaio sobre a literatura. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HOMERO. Odisséia. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978.
- \_\_\_\_\_. Ilíada. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Abril, 2009.
- ISER, W. A interação do Texto com o Leitor. In: COSTA LIMA, C. (org.). A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac-Naify, 2008.
- SAID, Edward. A esfera do humanismo. In: Humanismo e crítica democrática. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp. 19-51.
- SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. A poesia grega como paidéia. Princípios, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, p. 195-213.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.